REFERÊNCIAS

1. ANDREOTTI, Rosana A.; OKUMA, Silene S. Validação de uma bateria de testes de atividades da vida diária para idosos fisicamente independentes. Revista Paulista de Educação Física, v.13, n.1, p. 46-66, 1999.
2. AMORIM, A. R. R., SANTOS, S. C. Análise da qualidade de vida e capacidade funcional de idosos: Um estudo a partir do protocolo de GDLAM, SF-36 e PAAF (GREPEFI). UniFOA: Ceará, 2009.
3. CAVALCANTE M. L. F., MACHADO A. A. N., SILVA M. D. A. Nível de atividade física dos idosos frequentadores do centro de referência da assistência social da cidade de Caririçu- CE , 2011.
4. CLARK, B.A. Tests for fitness in older adults: AAHPERD Fitness Task Force. Journal of Physical Education, Recreation and Dance, v.3,p.66-71, 1989.
5. COTTON R.Exercise for older adults. ACE's guide for fitness professionals. Champaign, Human kinetics 1998.
6. DANTAS, E. H. M., VALE, R. G. S. Protocolo GDLAM de avaliação da autonomia funcional. Fitness Performance Journal, Rio de Janeiro , v. 3, n. 3, p.175-187, mai./jun. 2004
7. GOVERNO DO CEARÁ, Módulo 03 - Serviço de Proteção Social Básica - Centro de Referência da Assistência Social-CRAS: Curso de Capacitação de Gestores, Técnicos e Conselheiros municipais de Assistência Social, 2010.
8. GUEDES, A.; MARTINS, A. B.; ACORSI, R. Projeto de Ensino: Aprender Fazendo Estatística. São Paulo, 2000.
9. IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Síntese dos indicadores sociais> uma análise das condições de vida da população brasileira, 2010.
10. JUNQUEIRA, R. P. Contribuição dos domínios físico, social, psicológico e ambiental para a qualidade de vida global de idosos. Rev. psiquiatr. Rio Gd. Sul, vol. 8 n. 1, Porto Alegre Jan./Apr. 2006.
11. MATTOS, M. G.; ROSSETTO JÚNIOR, A. J.; BLECHER, S. Teoria e prática da metodologia da pesquisa em educação física: construindo sua monografia, artigo e projeto de ação. São Paulo: Phorte, 2004.
12. MATSUDO, S. M. M., Avaliação do idoso : física & funcional / editado por Sandra Marcela Mahecha Matsudo. -2ª ed.- Londrina: MIDIOGRAF, 2004
13. NAHAS, M. V. Atividade física saúde e qualidade de vida: conceitos e sugestões para um estilo de vida ativo. 2. Ed. Londrina: Midiografi, 2001.
14. ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Envelhecimento Ativo: uma Política de Saúde. 2005.
15. SABA, F. Mexa-se: atividade física saúde e bem estar. 2. ed. São Paulo: Phorte, 2008.
16. SPIRDUSO W. physical dimension of aging. l ted. Champaign: human kinetics. 1995.
17. TRIBESS, S. Percepção da imagem corporal e fatores relacionados à saúde em idosos. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina, 2006.
18. VERAS, R. P. O anacronismo dos modelos assistenciais na área da saúde: mudar e inovar, desafios para o setor público e privado. In: VERAS, R. P., Terceira Idade: Gestão Contemporânea em Saúde. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.
19. VIEIRA, E. B. Manual de gerontologia. Rio de Janeiro. Editora e livraria Revinter, 1996.

AUTORAS:

Marily O. Barbosa ¹

Neiza de L. F. Fumes ¹

¹ Universidade Federal de Alagoas, Maceió, Alagoas, Brasil

O *bullying* e Educação Física escolar: Relatos de alunos com surdez

5364

PALAVRAS CHAVE:

Bullying. Educação Física. Surdez.

RESUMO

Atualmente a escola vem presenciando momentos de violência e estes atos ocorrem também entre seus próprios alunos e recebe o nome de *bullying*. Este tem sido mais frequentemente tratado nas mídias e com isto seus efeitos maléficos às vítimas têm sido mais divulgados na sociedade. Desta maior divulgação surgiu a inquietação a respeito do que pensam os alunos sobre este fato, principalmente os alunos que possuem alguma deficiência, mais especificamente os alunos com surdez. Este estudo é de natureza qualitativa, se preocupando com uma realidade que não pode ser quantificada. Fizeram parte desta pesquisa dois professores de Educação Física escolar da educação de jovens e adultos, a diretora da escola e doze alunos com surdez. Os alunos com surdez entendem que o *bullying* é formado por apelidos pejorativos que os denigrem e por atos de agressão física. Nos casos de *bullying*, eles sofrem mais com os relacionados com agressões verbais. A disciplina de Educação Física tem muito a contribuir para a diminuição dos casos de *bullying*, pela oportunidade que os profissionais têm de envolver os alunos em atividades cooperativas se utilizando de várias estratégias para um melhor funcionamento, tanto da disciplina, como da escola, minimizando assim os atos de *bullying*.

Correspondência: Marily O. Barbosa. Universidade Federal de Alagoas – Maceió – Alagoas - Brasil.

Bullying and school Physical Education: Reports of students with deafness

ABSTRACT

Currently the school has been witnessing moments of violence and these acts also occur among their own students and is called bullying. This has been most often treated in the media and with it its bad effects victims have been more widespread in society. This greater disclosure, caring about what the students think about this fact, especially students who have disabilities, specifically students with deafness arose. This study is qualitative in nature, worrying about a reality that cannot be quantified. Took part in this study were two teachers of Physical Education of Youth and Adult Education, the school principal and twelve students with deafness. Students with hearing loss understand that bullying is formed by pejorative nicknames that denigrate and acts of physical aggression. In cases of bullying, they suffer more related verbal attacks. The Physical Education has much to contribute to the reduction of cases of bullying, the opportunity that practitioners must engage students in cooperative activities using various strategies to improve the functioning of both the discipline, such as school, thus minimizing acts of bullying.

KEY WORDS:

Bullying. Physical Education. Deafness.

INTRODUÇÃO

Atualmente a escola vem presenciando momentos de violência, os quais têm envolvido os seus próprios alunos. Quando acontece entre os estudantes, passa a receber o nome de *bullying*.

O termo *bullying* vem do adjetivo em inglês “*bully*” que significa tirano, valentão, demonstrando a situação do aluno que se utiliza do poder para impor autoridade e manter suas vítimas, sob total domínio ⁽¹⁾. O *bullying* refere-se, a todo e qualquer tipo de comportamento agressivo, cruel, proposital e sistemático inerente às relações interpessoais, principalmente através de escolares. Este fenômeno se diferencia das brincadeiras, nas quais todos os participantes se divertem e interagem sem nenhum tipo de agressão, visto que apenas alguns se divertem e às custas de outros que sofrem ⁽²⁾.

O *bullying* se manifesta através de insultos, intimidações, apelidos cruéis, gozações, acusações injustas, tomar pertences, meter medo, atuação de grupos que hostilizam, ridicularizam e infernizam a vida de outros alunos, levando-os à exclusão, além de danos físicos, morais e materiais.

Estes atos podem também ser realizados virtualmente. Quando acontece dessa forma recebe a nomenclatura de *cyberbullying*. Hadjikakou e Panayiotis ⁽³⁾ mencionam que este ocorre quando os agressores utilizam os meios tecnológicos, tais como internet e telefone celular para disseminar informações depreciativas, com a intenção de humilhar publicamente.

Segundo Pereira ⁽⁴⁾, o *bullying* é um problema que existe em todas as escolas, contudo, poucas reconhecem a sua existência ou mesmo as graves consequências advindas desses atos cruéis e intimidadores. Em muitos casos, é confundido com indisciplina ou mesmo brincadeiras impróprias para idade ou, ainda, com agressões corriqueiras, casuais.

Tendo em conta os nefastos efeitos que a violência traz para todos os implicados e considerando os reduzidos estudos envolvendo a temática *bullying* e pessoas com deficiência ⁽⁵⁾, surgiu a seguinte inquietação: o que pensa a comunidade escolar, principalmente os alunos com surdez e os professores de Educação Física Escolar sobre o *bullying*?

A opção em realizar um estudo com pessoas surdas considerou o fato de que estas possuem algumas necessidades específicas que, por vezes, pode torna-las diferentes das demais, quer seja por não escutar ou pelo uso das Libras (Língua Brasileira de Sinais) ⁽⁶⁾. Como citado anteriormente, alguns agressores buscam nas vítimas algo que as diferencie das demais ⁽³⁾.

Ainda sobre isso, Carter e Spencer ⁽⁷⁾ expõem em seu estudo que os alunos com alguma deficiência sofreram mais atos de *bullying* quando comparado aos estudantes sem deficiência. Tal ocorrência pode estar relacionada com a sua menor presença numérica nas escolas regulares brasileiras, ainda ser reduzida se comparado com os seus pares sem deficiência, como também pelos estigmas associados às pessoas com deficiência.

Particularmente, no que diz respeito ao *bullying* nas aulas de Educação Física, Botelho e Souza ⁽⁸⁾ indicam que são poucos os estudos que envolvem esta temática na realidade brasileira e consequentemente não há quase nada publicado a esse respeito¹. Quando relacionamos *bullying*, Educação Física Escolar e Pessoas com deficiência ou Deficiência, estas produções são ainda escassas.

Sendo assim, o objetivo desta investigação foi analisar o ponto de vista da diretora, dos professores de Educação Física e dos alunos surdos sobre o *bullying* nas aulas de Educação Física escolar.

METODOLOGIA

Esta pesquisa é de natureza qualitativa. Flick ⁽⁹⁾ afirma que os métodos qualitativos consideram a comunicação do pesquisador com o campo e seus membros como parte explícita da produção do conhecimento, caracterizando-se pela interação direta entre o pesquisador e o objeto de estudo. Neste tipo de pesquisa existe a explicitação sobre a teoria, escolha de tópicos da pesquisa, método e interpretação dos resultados. A pesquisa qualitativa busca entender o significado que as pessoas ou grupo social atribuem a determinados fenômenos, mantendo o foco no significado que os participantes da pesquisa dão à questão.

Os participantes da pesquisa foram dois professores de Educação Física escolar da Educação de Jovens e Adultos, a diretora da escola e doze alunos com surdez de uma escola pública da rede estadual de ensino que apresentava um grande número de alunos com surdez regularmente matriculados. Tratava-se de uma escola-pólo para a educação da pessoa surda já há muito tempo no município de Maceió, Alagoas, Brasil. Os alunos foram escolhidos por conveniência, ainda que se tenha buscado garantir que houvesse a participação de sujeitos de todos os segmentos da EJA e que abrangesse a totalidade dos professores de Educação Física que atuava nesta modalidade de educação.

A modalidade Educação de Jovens e Adultos foi escolhida, pelo fato de os jovens e adultos com surdez possivelmente já possuírem um maior domínio sobre as Libras e assim conseguirem expor melhor seus pontos de vista sobre a temática estudada.

O instrumento escolhido foi a entrevista semiestruturada, que é muito utilizado em pesquisas de cunho qualitativo por permitir a obtenção do ponto de vista do sujeito. Por outro lado, a semiestruturada possibilita a realização de perguntas complementares, quando necessárias.

Sobre a entrevista semiestruturada, Angrosino ⁽¹⁰⁾ afirma que esta consiste em perguntas escolhidas de antemão com o objetivo de extrair informações dos entrevistados, podendo quando necessário acrescentar novas perguntas, visando resultados importantes

para a pesquisa em questão. A entrevista foi realizada individualmente. Em relação aos alunos com surdez, foram feitas com a colaboração de intérpretes² da turma do aluno. É importante ressaltar que as intérpretes realizaram a entrevista mesmo não sendo um ato obrigatório por parte da direção da escola. Todas as entrevistas foram gravadas e transcritas na sua íntegra.

Todos os procedimentos para a coleta de dados seguiram estritamente os princípios éticos (Resolução Brasileira nº. 466/2012 sobre pesquisas com seres humanos) e todos os participantes tiveram que assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) após terem conhecimento dos objetivos da pesquisa e da forma da sua participação. Assim esclarecemos também quanto ao sigilo dos dados coletados e garantimos o anonimato. Por conta disto, todos os nomes que aparecem na pesquisa são fictícios. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética na Pesquisa da Universidade Federal de Alagoas.

Posteriormente, realizamos a leitura das transcrições das entrevistas juntamente com uma análise minuciosa e exaustiva de todos os dados e a partir destes foram criadas categorias. Para isto, foi utilizada a análise de conteúdo, que segundo Esteves ⁽¹¹⁾ é “um conjunto de técnicas possíveis para tratamento de informação previamente recolhida”, quer sejam por meios de dados de observação, entrevistas, entre outros.

Ainda sobre isso, Bardin ⁽¹²⁾ menciona que este tipo de análise tem por objetivo mapear os núcleos de sentido que compõem a comunicação entre pesquisador e sujeito da pesquisa, cuja presença ou frequência de aparição das respostas pode significar alguma coisa para o objeto analítico escolhido.

A análise de conteúdo desdobrou-se em três etapas: pré-análise; exploração do material e tratamento dos resultados obtidos e interpretação.

Deste processo resultaram as seguintes categorias: 1) O *bullying* e a Educação Física Escolar: pontos e contrapontos; e, 2) Mudanças relacionadas à escola para a redução de casos de *bullying*.

RESULTADOS

E DISCUSSÃO DOS DADOS

Começamos a apresentação dos resultados com a descrição de algumas características dos participantes da pesquisa, que pode ser vista no quadro 1.

1 — Buscamos nas diversas bases de dados, tais como: Scielo, Google Acadêmico, Anais de eventos (CBEE, ENDIPE) e banco de teses da CAPES.

2 — Decreto Nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Capítulo IV. Do uso e da difusão da Libras e da língua portuguesa para o acesso das pessoas surdas à educação em seu Art. 14. Parágrafo III - prover as escolas com tradutor e intérprete de Libras - Língua Portuguesa;

QUADRO 1 — Caracterização dos alunos com surdez participantes da pesquisa

ALUNO	NÍVEL DE ESCOLARIDADE ¹	IDADE	TIPO DE SURDEZ	LÍNGUA (L1)
Marcia	Ensino médio	27	Total	LIBRAS
Jane	Ensino fundamental	53	Parcial	LIBRAS
Jesivam	Ensino fundamental	27	Total	LIBRAS
Altamir	Ensino fundamental	24	Total	LIBRAS
Jose	Ensino médio	36	Parcial	LIBRAS
Glauco	Ensino fundamental	24	Total	LIBRAS
Marlene	Ensino médio	22	Total	LIBRAS
André	Ensino fundamental	19	Total	LIBRAS
Jailton	Ensino fundamental	24	Total	LIBRAS
Flávia	Ensino fundamental	21	Parcial	LIBRAS
Nadia	Ensino médio	24	Parcial	LIBRAS
Ana	Ensino médio	23	Parcial	LIBRAS

Os alunos possuíam idades entre 19 e 53 anos de idade, com média de 27 anos, sendo todos eles da Educação de Jovens e Adultos (EJA). A maior parte deles cursava o ensino fundamental, todos se comunicavam através de Libras, ainda que dois deles fossem oralizados.

Os dois professores de Educação Física que atuavam no EJA e a diretora da escola, possuíam formação em nível superior, bem como especialização em sua área específica e experiência profissional, como pode ser verificado no quadro 2:

QUADRO 2 – Características profissionais dos professores e diretora

NOME	ATUAÇÃO PROFISSIONAL	NÍVEL DE FORMAÇÃO	TEMPO DE EXPERIÊNCIA
Carlos	Professor de Educação Física	Especialista	8 anos
Nara	Professor de Educação Física	Especialista	23 anos
Tais	Diretora da escola- Pedagoga	Especialista	11 anos

3 — A EJA por ensino fundamental (etapas) e médio (segmentos).

Vejamos mais detalhadamente como os pesquisados, alunos, professores e diretora, percebiam este processo.

Ao perguntar aos alunos surdos acerca da palavra *bullying*, estes mencionaram não conhecê-la. Nem os alunos surdos e nem as intérpretes possuíam conhecimento do sinal equivalente a esta palavra. Segundo Silva ⁽¹⁾, a palavra ainda é desconhecida pelo grande público, apenas uma parcela da comunidade tem conhecimento acerca deste assunto. Vale salientar que as informações para os surdos são mais visuais dificultando ainda assim o conhecimento sobre determinados assuntos. Os estudos sobre este assunto ainda aparecem timidamente em nossa sociedade.

A palavra *bullying* pode até ser desconhecida, mas o fenômeno da violência nas escolas, entre os alunos, não passa por despercebido. Ao perguntarmos a esses mesmos alunos sobre a violência na escola, entre os colegas de sala, estes já relataram diversas situações e até mesmo atos em que estiveram presentes ou que assistiram tal ação. A partir da concepção dos alunos surdos, o *bullying* está intimamente ligado aos atos de preconceito, aos atos de xingamento, principalmente quanto ao “atijar o colega”, fazer provocações.

Segundo Santos ⁽¹³⁾, diferentemente da fase infantil, na adolescência e na vida adulta as vítimas são escolhidas por seus agressores e estes procuram algo de seu interesse e que muitas vezes não os agrada, como ser gordo demais, usar óculos, possuir alguma deficiência, quer seja aparente ou não, ser de etnia diferente, entre outras. Sendo assim, diversos alunos relataram vivenciar diversas ações relacionadas a este fenômeno, dentro do ambiente escolar e que tais ações implicavam em sofrimento, como veremos mais a seguir.

O BULLYING E A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR:

PONTOS E CONTRAPONTOS

O que ficou ressaltado nas entrevistas foi a forma como o bullying se manifestava para os alunos com surdez, pois determinados alunos o associava aos atos de agressão, mas principalmente às expressões que os denegria.

Particularmente, na escola estudada, os alunos relataram situações em que os agressores manifestavam atitudes preconceituosas, estigmatizando os alunos que possuíam a surdez, além de se referir pejorativamente a eles, como o exemplo chamá-los de “burro” e isso é percebido através dos fragmentos a seguir:

É feio, aí eu me senti com muita raiva. Fiquei um pouquinho triste, mas deixei pra lá. Tem uns ouvintes que ficam brigando comigo, mangando de mim ficam me chamando de burro, aí eu me senti triste, pensativo, mas tenho que estudar para aprender mais (Aluno André).

Já senti preconceito e muito. Tem pessoas que ficam me chamando de mudo, de mudinho e associa isso a ser burro e eu não gosto. Aí eu explico que sou surdo e que é diferente de ser mudo (Aluno José).

O ato de associar determinados alunos a palavras que os deficientizam é uma das ações utilizadas pelos agressores. Antunes e Zuin ⁽¹⁴⁾ relatam que o *bullying* se aproxima do preconceito, principalmente quando reflete sobre os fatores sociais que determinam os grupos-alvo das ações.

Quando perguntamos aos professores de Educação Física e a diretora sobre a sua percepção sobre o *bullying*, todos eles compreendiam tal fenômeno como Rolim ⁽²⁾, Rodrigues ⁽¹⁵⁾ e Silva ⁽¹⁾ definem esta atitude de violência. Tal fato fica evidenciado na fala da diretora:

É toda manifestação de agressão para com o indivíduo. Quando a gente fala *bullying* aí a gente pensa na agressão, na agressividade e na agressividade a violência, mas o *bullying* ele também é por palavras, por atitude então é toda essa manifestação de agressão ao próximo, independente de que seja, verbal, oral ou física. E tem de ser repetidas vezes (Diretora Taís).

O *bullying* diferencia-se em dois tipos: o direto e o indireto ⁽¹⁶⁾. O indireto diz respeito às ações que levam ao isolamento social da vítima. As estratégias mais usadas são: as fofocas, boatos cruéis, intrigas e difamações e se utilizam de meios para obterem seus objetivos, principalmente por meio de pichações. O *bullying* direto geralmente se utiliza de atitudes mais violentas, como agressões físicas, xingamentos, empurrões, murros, chutes e apelidos ofensivos repetitivos.

Como dissemos, o foco dessa pesquisa foi analisar o fenômeno *bullying* a partir da perspectiva dos alunos surdos, direção da escola e professores de Educação Física que atuavam na EJA e para isso perguntamos aos alunos surdos sobre o *bullying* nas aulas de Educação Física. Neste caso, os alunos tiveram posições diversas, sendo que a grande parte relatou já ter observado ações de agressão dentro da aula, tais como podemos observar nos enxertos a seguir:

Já vi sim. Ficaram um xingando o outro, burro, sua puta, aí ficaram nervosos e começaram a brigar, era um surdo com um ouvinte, aí começou a confusão, ficaram com raiva e começaram o xingamento, burra não, eu não aceito aí começaram a brigar, falta de respeito, pareciam crianças brigando. Aí o professor chegou vamos terminar com essa confusão, com isso e foi cada um para o seu canto. Falta respeito entre as pessoas. As pessoas ficam xingando o surdo, chamando eles de burro, isso não é legal (Aluno Jailton).

A aula de Educação Física, por vezes, se torna nicho de atos de *bullying* pelo fato dela trabalhar com o corpo e de lidar com diversos tipos de jogos, inclusive com os competitivos. Oliveira e Votre ⁽¹⁷⁾ relatam que casos de *bullying* são mais evidentes nesta disciplina devido aos atos de agressividade e competitividade que a disciplina possui. Sobre este fato, a professora Nara relatou que:

Eu acho que na Educação Física, você se torna exposto, você se expõe, porque a gente trabalha com o corpo, você mostra suas habilidades, nem todo mundo é dotado de todas as habilidades, então acho que a gente fica mais visível nas aulas de Educação Física. Eu acho que as atividades em si de Educação Física que facilitam [o *bullying*] porque nem todo mundo tem habilidades, normalmente eles quando vão se dividindo em grupos, geralmente só procuram os melhores, o aluno que joga melhor, aí você tem que trabalhar isso (Professora Nara).

Chaves ⁽¹⁸⁾ menciona que cabe ao profissional da Educação Física saber identificar, distinguir e diagnosticar o fenômeno *bullying*, para promover as ações que beneficiem seus alunos, evitando que novos casos surjam a partir das aulas. Ainda, sobre estes fatos, podemos observar uma percepção contraditória na fala do professor Carlos que exterioriza que nem sempre o fato de existir ações de *bullying* nas aulas de Educação Física é por conta das atividades realizadas nela, mas sim em relação aos espaços que ela ocupa:

Eu acho o seguinte: a nossa dificuldade é que a gente trabalha num espaço muito grande, ou seja, a gente está numa sala de aula e vai para um ginásio de esporte ou uma quadra e pode favorecer algo que existe dentro de uma sala de aula, mas a Educação Física eu não vejo como uma facilitadora não, que favorece não, eu acho que seria um agente facilitador daquele que está na sala de aula e quer agredir o cara, então pode ser (Professor Carlos).

No fragmento anterior ficou ainda evidenciado que Prof. Carlos acreditava que fatores, como a competição, muitas vezes, presentes em atividades desenvolvidas na disciplina não facilitava o *bullying*. O professor ainda considerou sobre a atuação em situações que podem desencadear o *bullying* ou para evitar que isso ocorra:

Professor Carlos: Agora tem que ser estimulado a competição, dentro dos padrões que sejam sadios pra eles, porque estamos educando pra vida e a vida é uma competição. É competir. Olha, *bullying* eu nunca vi acontecer na minha aula não, brigas, vejo isso acontecer no corredor. Não na minha[aula], é com a minha aula, eu só posso falar com a minha aula e nela eu não vejo. Pesquisadora: Mas se isso acontece no corredor, no banheiro, você não vê como *bullying*? Professor Carlos: Isso é um *bullying* sim, lógico que é, mas assim é algo que tem que ser trabalhado no seu espaço. Você tem que amarrar, na maioria das minhas aulas. Eu faço um círculo pra começar a aula e para terminar, se deixar algo sair dali da aula para fora, sem que você tenha fechado, de fato pode acontecer problema depois (Professor Carlos).

A opinião do professor Carlos em relação à competição é contestada por Furtado e Moraes ⁽¹⁹⁾, que salientaram que há um maior número de eventos associados ao *bullying* quando os conteúdos são focados na competição.

O professor Carlos enfatizou ainda que já observou atos de violência fora da sala de aula e que considera isso como o *bullying*. Andrade e Capellini ⁽²⁰⁾ relatam justamente isso, que a maioria dos casos acontece distante dos olhos do professor e geralmente fora da sala de aula, quer seja no pátio da escola na hora do recreio, banheiros ou lugares onde não há a supervisão de professores.

A diretora da escola relatou que os atos geralmente ocorriam em lugares escondidos e podemos ver tal fato no fragmento a seguir:

Eles são muito arteiros, quando eles fazem isso é assim dentro do banheiro, que a gente não costuma entrar muito. É muito escondido, então a gente vem saber ou é através de outro aluno, que não concorda ou pela família. (Tais)

Algum aluno chegou a falar com você?(pesquisadora)

Não geralmente é a família que vem. Tem uns que vem oh! Está acontecendo alguma coisa ali, vai lá. Mas, não é direto. Eles usam esse tipo de diálogo – ‘oh da uma olhadinha ali, pergunta a fulaninho’, eles insinuam aí a gente corre atrás (DiretoraTais).

As situações de *bullying* parecem acontecer longe dos olhos dos professores e da direção, geralmente se relacionavam aos apelidos pejorativos e às agressões verbais. Para visualizarmos temos o enxerto da diretora Tais:

Há questões de *bullying* aqui dentro da escola que é necessário que a família venha a escola para avisar a direção, como, por exemplo, ano passado tivemos uma menina que não queria vir mais a escola por que as outras estavam apelidando e estavam realmente insultando a menina e ela passou muito tempo. Aí quando ligamos para a mãe e ela veio aqui, é que ela disse que era porque a menina estava sendo ameaçada (Diretora Tais).

Este caso demonstra que os professores da escola devem estar atentos aos possíveis atos de *bullying* evitando assim que novos alvos sejam estabelecidos e que situações de *bullying* aumentem de proporção. Sendo assim, é necessário entendermos que brincadeiras politicamente corretas e sadias são aquelas nas quais todos os participantes se divertem.

No entanto, seja qual for o papel desempenhado pelos alunos envolvidos, se estes não tiverem um apoio adequado sofrerão consequências pelos seus atos ou pela omissão destes durante um bom tempo de sua vida, por isso existe a importância de que todos os envolvidos no ambiente escolar se juntem para assim evitar novas ocorrências deste fenômeno. Botelho ⁽⁸⁾ afirma que os alunos, o corpo docente, os funcionários da escola, os familiares e a comunidade do entorno tem papel imprescindível para a diminuição das ocorrências de *bullying*.

A partir dessa afirmação, vejamos como os alunos percebiam as ações dos professores em relação a esta problemática. Uma boa parte dos alunos considerava que os educadores

geralmente não faziam nada ao observar um ato de *bullying* e que a única ação dos professores era retirar os alunos da sala de aula e/ ou mandá-los para casa ou para a diretoria. Também foi indicado haver professores omissos, mesmo quando chamados pelos alunos. A seguir alguns relatos dos alunos sobre isto:

Os professores parecem que não estão nem aí. Não ligam, continuam copiando, copiando. Aí eu digo “professor ó, por favor” , aí o professor olha, ri e retoma o que está fazendo. Parece que o professor está dizendo deixa para lá que ela é criança. Ela não entende, aí não pede para ela parar, nem nada. É como se ele deixasse para lá, e importante é ele focar no quadro e a gente que se vire (Aluna Marlene).

Os professores geralmente não fazem nada. Chamam outras pessoas para resolverem (Aluna Nadia).

Mediante tais fragmentos percebemos o quanto alguns professores ainda não se envolvem com ações para cessar com os atos de *bullying*, mesmos quando estes se fazem presentes durante a ação. Furtado e Morais ⁽¹⁹⁾ salientam que a grande maioria dos professores dá prioridade ao cumprimento de suas funções didáticas e ao cronograma dos assuntos pré-estabelecidos e que alguns profissionais se mostram passivos e omissos diante dos problemas relacionados aos alunos. Pingoello ⁽²¹⁾ afirma que:

O pouco ou nenhum conhecimento por parte dos professores sobre a forma como o *bullying* se apresenta e se propaga pode contribuir com a omissão, não por negligência, mas por falta de conhecimento em como atuar de forma ativa na tentativa de solucionar o problema [...].

Esta falta de saber como lidar com o *bullying* faz com que aluno vítima destas ações não sinta confiança no professor e não peça ajuda quando necessita. Fatos. como este, foram relatados por uma das alunas surdas que disse que já pensou em falar com o professor de Educação Física sobre estar sendo constantemente importunada por uma das colegas de turma, mas relatou não ter coragem, por prever que o professor não daria importância ao fato. Vejamos:

E se eu avisar isso ao professor, parece bobagem, aí eu vou estar importunando o professor e ele não vai fazer nada. É tudo igual mesmo. Se eu falar, “professor pede para ela parar”, aí eles começam a rir [os colegas de sala], pensam que é brincadeira minha. Ele [professor] pensa que eu também estou brincando com ela, mas não é (Aluna Marlene).

Diversos autores, como Lopes Neto ⁽¹⁶⁾ e Silva ⁽¹⁾, relatam que o principal problema do *bullying* é que a grande parte da sociedade, inclusive a escola, ainda acredita que o *bullying* pode ser visto como brincadeira. Santos ⁽¹³⁾ salienta que “envoltos com educadores, gestores e assistência técnica impossibilitados de agir pela falta de preparo e sutileza, pelo qual

o fenômeno *bullying* se instala e se confunde com brincadeiras da idade". Ainda segundo a autora, as diferenças são tênues, no entanto a realidade do *bullying* traz consequências desastrosas para todos os envolvidos.

MUDANÇAS RELACIONADAS À ESCOLA PARA A REDUÇÃO DE CASOS DE *BULLYING*

Mediante aos resultados anteriormente apresentados, observamos que há necessidade de mudanças por parte de todos, inclusive da escola, para a diminuição dos casos de *bullying*, quer seja pelo mal que o *bullying* traz como também às diversas consequências que ele produz a todos os alunos envolvidos.

O *bullying* traz para todos os envolvidos várias consequências negativas para o seu desenvolvimento e ocorre em vários contextos, inclusive na escola, um ambiente considerado como seguro e saudável, no qual todos esperam que os alunos possam desenvolver suas potencialidades intelectuais e sociais ⁽¹⁶⁾. Tendo em conta, os efeitos nefastos que o *bullying* provoca aos envolvidos, analisemos como na escola em estudo isto era tratado.

A grande maioria dos alunos manifestou que a escola não fazia quase nada a respeito das orientações sobre o *bullying*, vejamos a seguir:

Não. Se teve [orientações sobre o *bullying*] nunca vi. O que vejo mais são os problemas como eu falei, mas palestra, coisa educativa, nunca vi não, mas falar sobre isso nunca vi não (Aluna Marlene).

Não, em nenhuma escola, ninguém nunca falou nada (Aluno Altamir).

Os alunos surdos da Educação Jovens e Adultos não relataram ter observado ou participado de campanhas contra o *bullying* na escola.

Por sua vez, os professores também percebiam que a escola deveria realizar algumas ações. O professor Carlos e a professora Nara disseram que:

Eles [a escola] deveriam tratar melhor o tema, com textos, slides com uma série de coisas, se for preciso parar um dia todo, uma semana inteira, mas há uma preocupação, há vamos fazer um textozinho, aí se perde lá. Trabalhe isso fielmente, diretamente. Eu acho que é uma questão de trabalhar isso, de reunir os grupos (Professor Carlos).

Todas as escolas deveriam realmente ter um projeto sobre o *bullying*, é o *bullying* que está trazendo também muita violência entre os alunos. Tem que haver projetos, tem que conscientizar os alunos sobre isso. Acho que quanto mais a gente falar sobre o assunto fica melhor. Acho que as escolas têm algumas coisas que preocupam, outras nem tanto (Professora Nara).

Os professores reconhecem a necessidade de a escola intervir nesta situação, ainda que não se coloquem como parte destas ações e nem como propositores das mesmas. Pingoello ⁽²¹⁾ cita que o *bullying* é um problema social e que justamente por isso não pode ficar a cargo de um só profissional, como o professor, mas sim que a responsabilidade pertence a todos os atores envolvidos na escola, no entanto, isto não quer dizer que o professor, em suas aulas, também esteja atento para estas situações e não incluam em seus conteúdos atitudinais o desenvolvimento de uma cultura de paz.

Pingoello ⁽²¹⁾ considera ainda que os professores necessitam de uma melhor formação para lidar com estes assuntos. Pois, eles enfrentam dificuldades em identificar o *bullying* e uma formação continuada que abrangesse o tema violência escolar como um todo poderia auxiliá-los a lidar melhor com os conflitos ocorridos em sala de aula, na tomada de decisões adequadas para a solução e na prevenção dos problemas.

Os professores entrevistados reconheciam a importância de fazer alguma coisa para evitar o *bullying* e relataram algumas iniciativas realizadas, ainda que Professor Carlos tivesse apontado para suas dificuldades e Professora Nara assumisse a responsabilidade, considerando a maior aproximação que as aulas de Educação Física promovem com os seus alunos. Os fragmentos que se seguem demonstram isto:

O que eu puder fazer para interferir, eu interfiro. Falo, reúno o pessoal na sala, falo que não é assim, que ela [vítima] não está gostando, enfim eu acho que fica meio complicado para mim (Professor Carlos).

A gente, professor de Educação Física, a gente tem assim uma responsabilidade muito grande, nós com relação a isso, porque se a gente tem uma arma muito importante que é a nossa convivência com o aluno. Nós temos uma convivência que nenhum outro professor tem. Nós somos assim psicólogos, somos professores, nós somos às vezes mãe, somos confidentes, a gente tem uma abertura muito grande com os alunos, então a gente tem assim a maior responsabilidade para evitar isso [o bullying] (Professora Nara).

Sendo assim, constatamos que os professores interferiam nas situações de bullying, mesmo que avaliando como sendo complicado. Ferreira, Rowe e Oliveira ⁽²³⁾ salientam que os professores enfrentam ações de *bullying* em seu cotidiano, e que alguns desses profissionais tem interesse em reduzir esses comportamentos.

Lisboa, Braga e Ebert ⁽²³⁾ enfatizam que existe a necessidade de que os professores vinculados à instituição de ensino estejam atentos à situação e busquem a interrupção desse processo. A diretora Tais percebia que os professores da escola agiam para que tais comportamentos, relacionados ao *bullying*, não fossem manifestados:

Eles [professores] não gostam. Eles agem dessa forma: eles procuram combater na sala de aula, então eles não são coniventes com isso. Eles ajudam a extinguir isso por meio de diálogos. Eles falam e a gente consegue tomar providência (Diretora Taís).

Concordamos com a diretora de que para ocorrer mudanças na escola existe a necessidade de que gestores, professores e funcionários se unam e criem formas de superar este problema que eles enfrentam cotidianamente. Andrade e Capellini ⁽²⁰⁾ citam que através do diálogo, do apoio e da construção de elos de confiança é que os professores podem oferecer uma nova perspectiva para os alunos envolvidos com o *bullying*.

Ainda para discutir ações para diminuir/ evitar o *bullying*, perguntamos aos alunos surdos que indicaram que:

O certo seria as pessoas pararem de provocações, de provocar o outro, de começar uma briga (Aluno Jesivan).

Acho que ajuda trazer pessoas para fazer palestras, para falar sobre esse tema, todo mundo prestando atenção, para informar todo mundo (aluno Jailton).

Sintetizando, os alunos indicaram ações, tais como: exterminar as provocações e o preconceito, realização de palestras, informações sobre o tema e também sobre a conscientização dos alunos. Santos ⁽¹³⁾ salienta que é através da conscientização que muitas escolas obtêm a diminuição dos casos de violência social.

Quanto a isso, Lisboa, Braga e Ebert ⁽²³⁾ relatam que a sociedade espera que a escola ensine aos estudantes a lidar com suas dificuldades, a respeitar as diferenças, a aprender a conviver, a socializar, a compartilhar, enfim, a se relacionar de forma saudável, evitando a banalização de valores morais. Isso não é o que ocorre quando na escola há casos de *bullying*. É notável que a escola precisa intervir para auxiliar seus alunos a lidar com os problemas relacionados ao fenômeno *bullying*, quer seja por meio de palestras, conscientização ou outras formas.

Ainda sobre isso, Lopes Neto ⁽¹⁶⁾ afirma que “as ações são relativamente simples e de baixo custo, podendo ser incluídas no cotidiano das escolas, inserindo-as como temas transversais em todos os momentos da vida escolar”. Vale ainda apontar que Seixas ⁽²⁴⁾ relata a necessidade de uma avaliação da escola quanto ao *bullying*, pois cada instituição é única, as estratégias a serem desenvolvidas devem considerar sempre as características sociais, econômicas e culturais de seus estudantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos que os alunos com surdez entendiam que o *bullying* era formado por apelidos pejorativos que os denigriam e por atos de agressão física entre colegas de sala, independente de ser entre ouvintes e ouvintes ou ouvintes e surdos. A maioria deles percebia-se como vítimas e em determinados momentos como vítima-agressora.

Nos casos de *bullying*, eles sofriam mais os relacionados ao bullying direto, na forma de agressões verbais, principalmente apelidos pejorativos relacionados à sua condição linguística, como ainda em uma pequena parte sofria com *bullying* indireto, a partir das difamações. A maioria dos atos de *bullying* estava relacionada ao preconceito por eles possuírem outra linguagem – a Libras, que não a majoritária.

Em relação ao *bullying* e a Educação Física, os alunos com surdez, os professores da disciplina e diretores consideravam que a referida disciplina possuía características que, quando não bem administradas, podiam auxiliar no surgimento de casos de *bullying*.

A disciplina de Educação Física tem muito a contribuir para a diminuição dos casos de *bullying*, quer seja pela característica dos alunos se sentirem mais próximos destes professores, como também pela oportunidade que os profissionais têm de envolver os alunos em atividades cooperativas se utilizando de várias estratégias para um melhor funcionamento, tanto da disciplina, como da escola, minimizando assim os atos de *bullying* não apenas para os alunos que possuem alguma deficiência, mas sim para toda a comunidade de alunos envolvidos.

Em relação ao ponto de vista sobre o *bullying*, todos estes salientaram os pontos negativos e as consequências que este trazia para o ambiente escolar. Todos ressaltaram quanto à necessidade de mudanças na escola, nas práticas profissionais e nas relações entre alunos. Estas mudanças deveriam estar atreladas à união de todos os envolvidos e buscar a conscientização de todos, quer seja através de conversas, palestras ou outras ações que mobilizem todos os vinculados à comunidade escolar, principalmente às ações que englobem a família dos envolvidos.

REFERÊNCIAS

1. Silva, A. B. B. (2010). Bullying: Mentes perigosas nas escolas. Rio de Janeiro: Objetiva.
2. Rolim, M. (2008). Bullying: o pesadelo da escola um estudo de caso e notas sobre o que fazer. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, Porto Alegre.
3. Hadjikakou, K.; Panayiotis, P. (2012). Bullying and cyberbullying and deaf and hard of hearing children: A review of the literature. *International Journal on Mental Health and Deafness*. Volume 2, Issue 1. pp 18-22.
4. Pereira, S. M. S. (2009). Bullying e suas implicações no ambiente escolar. São Paulo: Paulus.
5. Mishna, F. (2003). Learning disabilities and bullying: Double jeopardy. *Journal of Learning Disabilities*, 36(4), 336-347.
6. Vieira, F. B. A.; Martins, L. A. R. (2009). O aluno surdo em classe regular: concepções e práticas de professores. *Revista educação em questão*, v.34, n.20, pp. 170-193, Edufrn.
7. Carter, B. B.; Spencer, V. G. (2010). The Fear Factor: Bullying and Students with Disabilities. George Mason University. *International Journal of Special Education* Vol 21 No.1 Retrieved December 18, 2010. <http://www.forockids.org/PDF Docs/Bullying.pdf>
8. Botelho, R. G.; Souza, J. M. C. de. (2007). Bullying e Educação Física na escola: características, casos, conseqüências e estratégias de intervenção. *Revista de Educação Física*, Rio de Janeiro, n. 139, pp. 58-70.
9. Flick, U. (2009). Uma introdução à pesquisa qualitativa. 3ed. Porto Alegre: Bookman.
10. Angrosino, M. (2009). Etnografia e observação participante. Porto Alegre: ARTMED.
11. Esteves, M. (2006). Análise de conteúdo In: Lima, J. Á.; Pacheco, J. A. Fazer investigação: contributos para a elaboração de dissertações e teses. Porto, Portugal: Porto Editora.
12. Bardin, L. (2009). Análise de conteúdo. 4ª Ed. Lisboa: edições70.
13. Santos, A. P. T. (2009). A presença do bullying na mídia cinematográfica como contribuição para a educação. Dissertação (Mestrado)- Universidade de Marília. Unimar, Marília.
14. Antunes, D. C.; Zuin, A. A. S. (2008). Do bullying ao preconceito: os desafios da barbárie à educação. *Revista Psicologia & Sociedade*, 20, (1), pp. 33-42.
15. Rodrigues, J. R. M. (2010). violência velada: um estudo sobre bullying na escola. In: Anais do IV seminário nacional sobre educação e inclusão social de pessoas com necessidades especiais. pp 1-11, Natal.
16. Lopes Neto, A. A. (2005). Bullying: comportamento agressivo entre estudantes. *Jornal de Pediatria*. 81(5Supl): pp. 164-172.
17. Oliveira, F. F.; Votre, S. J. (2006). Bullying nas aulas de Educação Física, *Revista Movimento*. Porto Alegre, v.12, n. 02, pp. 173-197.
18. Chaves, W. M. (2006). Fenômeno bullying e a educação física escolar. In: Anais do 10º Encontro Fluminense de Educação Física Escolar. Niterói: UFF, Departamento de Educação e Desportos, pp 149-154.
19. Furtado, D. S.; Morais, P. J. S. (2010). Bullying nas aulas de Educação Física e o papel do professor. *Revista Digital EFDeportes.com*, Buenos Aires, ano 15, n 147, pp. 1-14.
20. Andrade, M. P.; Capellini, V. L. M. F. (2008). Bullying: concepções dos atores envolvidos In: Anais do III Congresso Brasileiro de Educação Especial, Vol.3, pp 1 - 10, São Carlos.
21. Pingoello, I. (2009). Descrição comportamental e percepção dos professores sobre o aluno vítima do bullying em sala de aula. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"- UNESP - campus de Marília - SP, Marília.
22. Ferreira, V.; Rowe, J. F.; Oliveira, L. A. de O. (2010). Percepção do professor sobre o fenômeno bullying no ambiente escolar. *Unoesc & Ciência - ACHS*, v. 1, n. 1, pp. 57-64.
23. Lisboa, C.; Braga, L. L.; Ebert, G. (2009). O fenômeno bullying ou vitimização entre pares na atualidade: definições, formas de manifestação e possibilidades de intervenção. *Contextos Clínicos*, vol. 2, n. 1, pp. 59- 71.
24. Seixas, S. R. P. M. M. (2006). Comportamentos de bullying entre pares bem estar e ajustamento escolar Dissertação (Doutorado) - Universidade de Coimbra, Coimbra.

AUTORES:

Paula Batista ¹
Gonçalo C. Silveira ²
Ana Luísa Pereira

¹ CIF2D, Faculdade de Desporto
Universidade do Porto, Portugal

² Faculdade de Desporto
da Universidade do Porto, Portugal

Ser professor cooperante em Educação Física: Razões e sentidos

5373

PALAVRAS CHAVE:

Professor cooperante. Supervisão. Estágio profissional. Desenvolvimento profissional. Identidade profissional.

RESUMO

O professor cooperante é reconhecido pela literatura como um elemento central no processo formativo dos futuros professores. Por outro lado, o exercício da atividade supervisiva aporta não apenas benefícios para o estudante mas também para o professor cooperante. Partindo deste entendimento, este estudo teve como principal propósito analisar as razões e sentidos que levam um professor a querer ser orientador de estágio. Complementarmente visou ainda detetar quais os benefícios dos professores, enquanto orientadores de estágio pedagógico, assim como inspetar as dificuldades e facilidades sentidas durante o processo. Foram entrevistados quinze professores cooperantes da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, do ano letivo 2012-2013, sete do sexo feminino e oito do sexo masculino. Na análise dos dados recorreu-se à análise de conteúdo com o auxílio do programa *QSR NVivo10*. Os resultados indicam que a procura por uma maior especialização no ensino é a principal razão e motivo para o início e manutenção na atividade supervisiva. A maior dificuldade sentida pelos professores cooperantes remete para as questões relativas à comunicação e relação com os estudantes estagiários. Paralelamente, também emergem como sendo o maior benefício do processo de orientação do estágio.

Correspondência: Paula Batista. CIF2D, Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.
Rua Dr. Plácido Costa, 91. 4200-450, Porto, Portugal. (paulabatista@fade.up.pt).